

KUAN TI, O PROTEC

texto / text **Paola Rolletta**
fotos / photos **Artur Ferreira**



Os leões que protegem um novo edifício chinês, na baixa de Maputo, provocaram alguma polémica sobre a paisagem urbana da cidade quando ali foram colocados. São parte de uma nova aventura chinesa no país. Uma aventura que é marcada pelo novo rumo da história do mundo, debate inacabado em torno dos dias que hão-de vir. Há outro protector, de cara vermelha e barba preta, num trono entalhado, dourado e preto, que dá as boas-vindas e protege contra a maldade. Ficou desprotegido no desenrolar da História. E tem uma longa história própria para contar.

A aventura dos chineses em Moçambique tem várias etapas. Uma, remonta ao fim do século XIX, quando algumas famílias, vindas sobretudo da região de Cantão, fixaram residência em Lourenço Marques. Muitos deles iam a caminho da *Montanha Dourada*, o nome dado a São Francisco, onde foi encontrado ouro, pela primeira vez em 1848. Mas, para confusão geral, quer Melbourne, na Austrália, quer Joanesburgo, na África do Sul, eram chamadas *Nova Montanha Dourada*. A história conta que só quando chegavam a Joanesburgo é que muitos dos chineses descobriam que não estavam em São Francisco! E muitos outros nem lá chegavam porque decidiam ficar por cá.

Outros vieram das Ilhas Maurícias, onde não podiam possuir a terra, pelo que decidiam embarcar para novas oportunidades. Famosas eram as machambas dos chineses na Manhiça, com grandes bananais e hortaliças que abasteciam o mercado da capital.

Um dos chineses mais famosos foi Ja Assam, um carpinteiro que fez fortuna em Lourenço Marques. Tornou-se dono do prédio que ganhou o seu nome, com frente para o Bazar, fazendo curva na esquina da actual 25 de Setembro com a Karl Marx. Antes era ali o LM Bazar, hoje sede do Centro Cultural Brasileiro, e ia até ao Marta da Cruz, outra loja grande, mesmo frente ao Banco de Moçambique (na altura BNU).

Um dos outros prédios chineses ainda existentes é o Tchi Kung Tong, na avenida Josina Machel, onde se jogava o *mah jong*. Era um dos círculos recreativos da comunidade, um belo edifício que mereceria outra atenção.

A comunidade chinesa de Lourenço Marques chegou a contar cerca de 3.500 pessoas, e a Beira cerca de 4.000 pessoas. Eram sobretudo carpinteiros, pedreiros e agricultores, incluindo donos de restaurantes onde a comida era boa e barata. Não encontramos muita literatura sobre a sua presença no início do século XX em Moçambique.

TOR DESPROTEGIDO



Antigo Pagode Chinês
Old Chinese Pagoda

Um dos textos que circula, invariavelmente reproduzido, é *Monhês, Baneanes, Chinas e Afro-maometanos - Colonialismo e racismo em Lourenço Marques, Moçambique, 1890-1940* (Lusotopie, 2000) de Valdemir Zamparoni. O historiador brasileiro escreve: “Os chineses, embora poucos, reuniam-se no Club Fiel Observante do Direito (Chee Kung Tong), no Club Chinês de Lourenço Marques e, até mesmo, mantinham uma representação do Partido Nacionalista Chinês, o Kuo Min Tang. O Pagode Chinês (Associação Chinesa), foi fundado em 1903, mas reconhecido oficialmente pelo governo colonial somente em 1924, em terreno doado por Ja Assam, um imigrante pioneiro. O Pagode foi uma das mais activas associações e tinha como objectivos promover o bem-estar da comunidade através da educação, da organização de festas, bailes e jogos e da assistência social aos membros necessitados em caso de desemprego, doença, invalidez e morte. Para os seus cultos, a comunidade fez construir, em 1903, junto com o Pagode, um templo dedicado a Buda (sic). Era um edifício quadrangular de madeira e zinco e sem características arquitectónicas chinesas...” Não se tratava de Buda, mas sim de uma outra deidade. Era Kuan Ti.

Kuan Ti é uma das divindades chinesas mais poderosas e veneradas ainda

hoje. Foi um grande guerreiro, com existência real, tendo nascido na China em 162 d.C., no final da dinastia Han, e foi degolado aos 58 anos. A sua vida é um dos clássicos da literatura chinesa, *O Romance dos Três Reinos*.

A aura mítica que envolve Kuan Ti é a mesma de Tchaka Zulu ou dos cavaleiros europeus da Idade Média ou do herói inglês Robin Hood (Robin dos Bosques). E assim se entrelaçou a história de Kuan Ti com a História de Moçambique. E não é nenhuma heresia.

A grande estátua do guerreiro, deus da guerra e protector das artes marciais, permanece desde as nacionalizações (1975) na cave do Museu de Arte, em Maputo. Estava no altar da Escola Chinesa, actual sede do Instituto Nacional de Artes Visuais. Escapou à apropriação descontrolada das mobílias, por exemplo, que decoravam as salas.

O altar foi “oficialmente” entregue à Associação da Comunidade Chinesa em Moçambique, mas na realidade isso ainda não se concretizou, pois a Associação ainda não tomou posse da sua sede antiga como lhe fora prometido em 2005 numa cerimónia oficial.

Kuan Ti foi criado pela mãe. Quando era jovem, e para defender os seus concidadãos mais fracos, matou um homem maldoso e muito poderoso.



Kuan Ti, the Unguarded Guardian

The placing of the lions that guard the new Chinese building in downtown Maputo caused some controversy with regard to the city's urban landscape. They are part of a new Chinese presence in the country, a presence that is determined by a new course in world history, an unfinished debate about the days to come. There is another guardian, with a red face and a black beard, on an engraved throne of gold and black, who welcomes and protects against evil. He remained unguarded in the unfolding of history and has his own long story to tell.

The Chinese presence in Mozambique occurred in several stages. The first traces back to the end of the 19th century with the arrival of a few families from the Canton region who settled in Lourenço Marques. Many of them followed the trail of the *Gold Mountain*, the name given to San Francisco where gold was discovered for the first time in 1848. However, due to a general confusion, both Melbourne in Australia and Johannesburg in South Africa were known as the *New Gold Mountain*. History tells us that it was only when they arrived in Johannesburg that many Chinese discovered that they had not come to San Francisco. And many others did not even get there because they had decided to stay.

Many came from Mauritius, where they were not allowed to possess land and thus decided to embark on a journey seeking new opportunities. The Chinese *machambas* in Manhiça were famous, with their big banana plantations and vegetables that supplied the market in the capital.

One of the most famous Chinese was Ja Assam, a carpenter who made a fortune in Lourenço Marques. He became the owner of a building that bore his name, facing the Bazaar, forming a curve on the corner of the present-day 25 de Setembro and Karl Marx streets. This was previously the spot of the

LM Bazaar (today it is the seat of the Brazilian Cultural Centre) and stretched out to Marta da Cruz, another big shop, facing the Banco de Moçambique (BNU at the time).

Another Chinese building that still stands today is the Tchi Kung Tong, on the Josina Machel Avenue, where *mah jong* was played. It was one of the recreational centres of the community, a beautiful edifice that deserves better care.

The Chinese community numbered around 3500 people in Lourenço Marques and around 4000 in Beira. They were mostly carpenters, stonemasons and farmers, as well as owners of restaurants that served good and cheap food. Their presence in Mozambique at the beginning of the 20th century is scarcely recorded in literature.

One of the available faithfully reproduced texts is Valdemir Zamparoni's *Monhés, Baneanes, Chinas e Afro-maometanos - Colonialismo e Racismo em Lourenço Marques, Moçambique, 1890-1940* (Lusotopie, 2000). The Brazilian historian writes: "The Chinese, although few in number, meet in the Faithful Observer of the Law Club (Chee Kung Tong), the Chinese club in Lourenço Marques and even had a representative of the Chinese Nationalist Party (Kuo Min Tang). The Chinese Pagoda (a Chinese association) was founded in 1903, but only officially recognised by the colonial government in 1924, on a property donated by Ja Assam, a pioneer immigrant. The Pagoda was one of the most active associations and had as its aims the fostering of the well-being of the community through education, organising festive events, dances and games and social assistance to needy members in the case of unemployment, illness, disability and death. For its religious practices, along with the Pagoda the community built a temple dedicated to the Buddha in 1903 (sic). It was

ESCOLHA UM PARCEIRO À SUA MEDIDA

Para competir com sucesso, você precisa de estar altamente preparado, determinado nos seus objectivos, dotado das melhores soluções, mas o mais importante acima de tudo, é escolher o parceiro certo para o seu negócio.



Rua Belmiro Obadias Muianga, nº 179 – Caixa Postal 366 – Maputo – Tel: +258 21353000 – Fax: 258 21321984 – ernst.young@mz.ey.com

 **ERNST & YOUNG**

www.ey.com/mz

Quality In Everything We Do



Por isso foi obrigado a fugir da sua aldeia. Para viver, ia vagueando e aceitando trabalhos humildes. Um dia, numa tasca, encontrou dois jovens, Liu Pei e Chang Fei, que, como ele, não tinham abrigo nem emprego. A lenda conta que, naquele mesmo dia, num pomar de pessegueiros em flor, selaram um pacto de eterna irmandade. Acabariam recrutados pelo governo para suprimir a revolta dos “turbantes amarelos”. Chefiando um grupo de 300 homens conseguiram derrotar os rebeldes, começando assim a sua cruzada para juntar o fragmentado império chinês. Durante as várias guerras, Kuan Ti distinguiu-se como um Robin Hood, lutando por causas justas contra os opressores. Tinha um génio militar muito apurado e a sua arma, o *kwon do*, ficou famosa.

Kuan Ti tornou-se o símbolo de lealdade, justiça e humildade. Ao longo dos tempos foi feito duque, príncipe guerreiro e, finalmente em 1594, o Imperador Ming Wan Li conferiu-lhe o título de Grande Deidade Fiel

a quadrangular building made of wood and zinc without any Chinese architectural characteristics...” It was, in fact, not dedicated to the Buddha but to another deity, Kuan Ti.

Kuan Ti is still today one of the most powerful and worshipped Chinese deities. He was a great warrior, a historical figure who was born in China in 162 AC, at the time of the collapse of the Han Dynasty, and was beheaded at 58 years of age. The story of his life became one of the classic works of Chinese literature, *The Romance of the Three Kingdoms*.

The mythical aura created around Kuan Ti may be compared to that of Shaka Zulu, the medieval European knights or the English hero Robin Hood.

It was thus that the story of Kuan Ti became intertwined with the history of Mozambique. And it is not a heresy at all.

The large statue of the warrior, god of war and guardian of the martial arts, stands in the basement of the Art Museum in Maputo since the nationalizations of 1975. It used to be situated in the altar of the Chinese School, the current seat of the National Institute of Visual Arts. It eschewed the rampant appropriation of the furniture that decorated the halls.

The altar was “officially” handed over to the Association of the Chinese Community of Mozambique, but in reality this was never fulfilled. The Association has still not retaken possession of its old headquarters as had been promised at an official ceremony in 2005.

Kuan Ti was raised by his mother. When he was a young man, in order to defend his weaker fellow citizens, he slew a wicked and very powerful man and was thus forced to flee from his village. In order to survive, he wandered about and accepted modest jobs. One day, in a tavern, Kuan Ti met two youths, Liu Pei and Chang Fei, who, like him, had neither shelter nor work. According to the legend, on that same day, the three youths swore to an oath of eternal friendship in a garden of peach blossoms. They were recruited by the government to suppress the Yellow Turban Rebellion. Leading an army of 300 men, they managed to defeat the rebels, thus embarking on a mission to unite the fragmented Chinese Empire. Throughout the various wars, Kuan





Wan Mah



Tchi Kung Tong

e Leal e Protector do Reino. Desde então ficou conhecido como Kuan Ti e foram-lhe dedicados 1.600 templos. Graças às suas qualidades, foi adoptado como deus protector por muitas profissões, artes e comércios. É também o protector do Kung Fu. Possivelmente era também o protector dos grandes pugilistas moçambicanos, cujos nomes mais sonantes eram chineses. A fama de Shanghai, grande pugilista dos anos 50, por exemplo, ainda paira no ar.

“O grande altar com o guerreiro estava no palco da Escola Chinesa”, conta-nos o senhor Wan Mah, dono da loja Ho Ling, na baixa da cidade, talvez a última loja que resta da antiga comunidade chinesa. Gerações inteiras de moçambicanos foram lá comprar canas de pesca e anzóis. “A Escola foi construída no lugar do antigo Pagode Chinês, que datava do início do século XX, em Lourenço Marques. Em 1938 fundaram a Escola Chinesa, para providenciar ensino primário em chinês e português às crianças da comunidade, instalada num anexo do Pagode Chinês. O ensino era em mandarim apesar da maioria de nós falarmos cantonês”.

Era ali onde a comunidade celebrava as suas festas, casamentos, aniversários e funerais. Daquela comunidade chinesa ficaram poucas pessoas, talvez umas setenta na zona de Maputo, diz-nos Wan Mah. *“Desde os anos 90 estamos a tentar reaver o nosso altar e a nossa sede. Também nós somos parte da História deste país”.*

Quem sabe os leões ajudarão a proteger o Kuan Ti moçambicano... ■



Ti distinguished himself as a Robin Hood, fighting for just causes against the oppressors. He had a refined military talent and his weapon, the *kwon do*, became famous.

Kuan Ti became a symbol of loyalty, justice and humility. In the course of his life, he was appointed duke, warrior prince and, finally, was conferred the title of the Great Faithful and Loyal Deity and Protector of the Kingdom by Emperor Ming Wan Li in 1594. Since then, he has been known as Kuan Ti and 1600 temples have been dedicated to him. Owing to his qualities, he has become the guardian deity of many professions, arts and trades and is also the guardian of Kung Fu. It is probable that he was also the guardian of the great Mozambican boxers, whose most prominent names were Chinese. The fame of Shanghai for example, the great boxer from the 1950s, still resounds today.

“The large altar with the warrior was on the stage of the Chinese School”, so says Mr. Wan Mah, the owner of Ho Ling, possibly the last remaining shop of the old Chinese community. Entire generations of Mozambicans used to buy fishing rods and hooks from this shop. “The School was built on the spot of the old Chinese Pagoda, which dated back to the beginning of the 20th century, in Lourenço Marques. In 1938, the Chinese School was founded to provide primary school education in Chinese and Portuguese to the children of the community, placed in an extension of the Chinese Pagoda. Classes were in Mandarin, even though the majority of us spoke Cantonese”.

It was there that the community celebrated its festivities, marriages, birthdays and held funerals. Few persons remained from that community, perhaps around 70 in the Maputo area, Wan Mah tells us. *“Since the 90s, we have been trying to regain the possession of our altar and our headquarters. We too are part of the history of this country”.*

Who knows whether the lions will help protect the Mozambican Kuan Ti... ■